

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE MICRO- TESAUROS

Evaluation of the microthesaurus construction process

Fabio Assis Pinho

*Doutor em Ciência da Informação
Universidade Federal de Pernambuco
Contato: fabiopinho@ufpe.br*

Resumo

Discorre sobre a forma de avaliar a construção de microtesauros enquanto uma atividade do componente curricular (disciplina) Linguagens Documentárias Alfabético-Hierárquicas do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Pernambuco, partindo do pressuposto de que a compreensão do processo de elaboração ou construção das linguagens permitirá aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina de forma a capacitar adequadamente os futuros profissionais que executarão esse produto no mercado de trabalho, especificamente, em bibliotecas ou sistemas de informação.

Palavras-chave: Linguagens documentárias Alfabético-Hierárquicas; Avaliação; Ensino.

Abstract

It discusses how to evaluate the construction of microthesaurus as an activity of the curricular component (discipline) Alphabetic-Hierarchical Documentary Languages of the Librarianship Graduate of the Federal University of Pernambuco, starting from the assumption that the understanding of the process of elaboration or construction of the languages will allow To improve the teaching and learning process of this discipline in order to adequately qualify the future professionals who will execute this product in the job market, specifically in libraries or information systems.

Keywords: Alphabetical-Hierarchical documentary languages; Evaluation; Teaching.

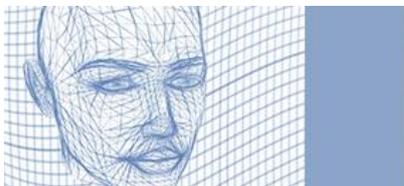
Resumen

En el presente trabajo se analizó la forma de evaluar la construcción de microtesauros como una actividad del componente curricular (disciplina). Lenguajes Documentales Alfabético-Jerárquicos del Curso de Biblioteconomía de la Universidad Federal de Pernambuco, partiendo del supuesto de que la comprensión del proceso de elaboración o construcción de los lenguajes permitirá Perfeccionar el proceso de enseñanza y aprendizaje de esta disciplina para capacitar adecuadamente a los futuros profesionales que ejecutar ese producto en el mercado de trabajo, específicamente, en bibliotecas o sistemas de información.

Palabras clave: Lenguajes documentales Alfabético-Jerárquicos; Evaluación; Enseñanza.

1 Introdução

O curso de Biblioteconomia, na cidade do Recife, remonta ao ano de 1950 na então Universidade do Recife que teve sua criação em 1946. A Universidade do Recife passou a integrar o Sistema Federal de Educação no ano de 1965 passando,



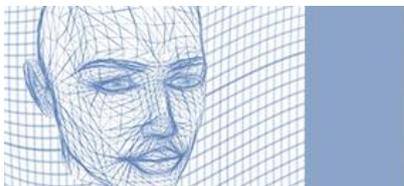
então, a denominar-se Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Após reformas em sua estrutura administrativa, no ano de 1975, foi fundado o Centro de Artes e Comunicação (CAC) com a junção da Escola de Belas Artes, da Faculdade de Arquitetura, do Departamento de Letras e do Curso de Biblioteconomia. Dessa forma, o curso de Biblioteconomia passou a integrar o Centro de Artes e Comunicação (CAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e que no ano de 2010 comemorou 60 anos (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2011).

O Curso de Biblioteconomia possui uma estrutura curricular atualizada. No início do curso integrou conhecimentos de bibliografia, classificação e catalogação de livros, organização e gestão de bibliotecas, história dos registros do conhecimento, literatura e psicologia. Seu currículo mínimo foi instituído no ano de 1984 com base nas proposições do Conselho Federal de Educação e, posteriormente, em 1966 sofreu alterações em seu conteúdo e nas concepções didático-pedagógicas para se adequar à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2011).

A próxima modificação da estrutura curricular foi implementada em 2003 a partir da aprovação da Resolução nº 19/2002 da Câmara de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação. No ano de 2011 foi instituída a modificação curricular que está em vigor atualmente (2016) e focou objetivamente na formação de profissionais aptos a atuar de forma positiva na sociedade da informação.

Cabe ressaltar que as reformas de 2003 e 2011 já incorporaram as diretrizes oriundas do I Encontro de Docentes de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul e do II Encontro de Dirigentes dos Cursos Superiores em Biblioteconomia do Mercosul, ocorridos nos anos de 1996 e 1997, em Porto Alegre e Buenos Aires. Nessas diretrizes os conteúdos estão distribuídos em seis áreas: 1) Fundamentos de Ciência da Informação, 2) Organização da Informação, 3) Recursos e Serviços de Informação, 4) Gestão de Unidades de Informação, 5) Tecnologia da Informação, e 6) Pesquisa (HARMONIZAÇÃO ..., 1997).

Nesse sentido, chama-se a atenção para a presença das disciplinas que permeiam o núcleo da área de Organização da Informação. Essas disciplinas estão presentes desde o início do curso em 1950 tais como a de bibliografia, de classificação e de catalogação. Aos 66 anos de existência na cidade do Recife, o Curso de



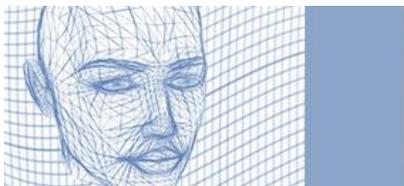
Biblioteconomia buscou aprimorar o processo de ensino e aprendizagem das disciplinas que pertencem à área de Organização da Informação.

As disciplinas que pertencem a essa área pressupõem um conteúdo a ser apreendido que permitem ao bibliotecário auxiliar em diversos segmentos do mercado de trabalho. Segundo Dahlberg (1993, p. 214), “estamos vivendo em um mundo inundado por informação que necessita urgentemente ser ordenada e compilada para disponibilizar o conhecimento, não somente o conhecimento pessoal, mas o interpessoal, objetivo e público também”, ou seja, expressa uma preocupação em relação às práticas que envolvem o tratamento que é dado à informação, bem como as formas e os instrumentos que permitem sua representação e recuperação.

O conjunto de disciplinas da área de Organização da Informação permite ao profissional bibliotecário desenvolver atividades de classificação, indexação, catalogação de documentos nos mais diversos suportes e criar instrumentos que padronizam essas atividades e os produtos resultantes delas como, por exemplo, os índices, o conjunto de metadados, as notações, os registros bibliográficos, os catálogos, os tesouros e os sistemas de classificação entre outros. A função social que resulta da apreensão do conjunto dessas disciplinas por parte do profissional bibliotecário é a da recuperação da informação; porém, não é a única, a reconstrução memorialística (seja de áreas do conhecimento ou comunidade discursivas) tem-se revelado outra função social.

Obviamente que não se pode ignorar o conhecimento produzido ao longo do tempo sobre os produtos, os instrumentos e as atividades apreendidas no conjunto de disciplinas da Organização da Informação. Esse conhecimento revela, por exemplo, um progresso teórico e científico no desenvolvimento de padrões e diretrizes, avanços na classificação facetada, influência das tecnologias de informação entre outros.

Nesse cenário, então, destacamos a disciplina “Linguagens Documentárias Alfabético-Hierárquicas”, do Curso de Biblioteconomia da UFPE. Essa disciplina pertence ao conjunto de disciplinas da área de Organização da Informação e é ministrada aos graduandos que estão no terceiro período do curso e sua ementa trata dos princípios, da estrutura e do funcionamento dos tesouros, bem como da sua construção, manutenção e utilização. O objetivo da disciplina é fazer com que o aluno



conheça os princípios, a estrutura e o funcionamento das linguagens documentárias alfabético-hierárquicas (tesauros) iniciando-os nas técnicas básicas de elaboração e capacitá-los para utilização e operação de metodologias de construção e manutenção dessas linguagens.

Para Mai (2004, p. 39) essas linguagens pertencem ao que ele classifica como teoria da classificação [1] pós-moderna, apontando que, enquanto a classificação moderna visa a representar o universo do conhecimento, a pós-moderna visa a fornecer uma ferramenta pragmática para domínios específicos. Dessa forma, entendemos que a construção de tesauros pelos profissionais bibliotecários visa a atender à organização de domínios específicos do conhecimento.

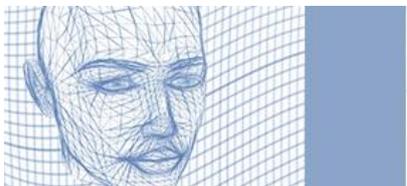
Nesse sentido, essa disciplina no curso de graduação em Biblioteconomia da UFPE emprega, para apreensão de seu conteúdo, aulas expositivas e expositivas dialogadas, exercícios em forma de estudos dirigidos e seminários para apreender a parte teórica e busca, na própria construção do tesouro, a forma de apreender sua parte prática [2].

Nesse sentido, como o objetivo da disciplina é fazer com que o aluno conheça os princípios, estrutura e funcionamento das linguagens capacitando-os na sua elaboração, nosso objetivo neste capítulo é demonstrar como é realizada a avaliação do processo de construção de tesauros por parte dos alunos dessa disciplina. Compreender o processo de elaboração ou construção das linguagens permitirá aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina de forma a capacitar adequadamente os futuros profissionais que executarão esse produto no mercado de trabalho, especificamente, em bibliotecas ou sistemas de informação.

2 Processo de construção dos tesauros

O processo de construção de tesauros nessa disciplina está alicerçado em quatro bibliografias básicas: Gomes (1990), Dodebei (2002), Cintra et al. (2002) e Campos, Gomes e Motta (2004). Certamente que não exclui a necessidade de bibliografia complementar.

O processo inicia-se na compreensão, por parte do aluno, da formação de assuntos nos documentos e sua influência nos tesauros. Campos e Gomes (2003, p. 156-157) esclarecem que a compreensão de como os assuntos são formados nos



documentos é fundamental, pois dela resultará uma dada atuação do profissional no âmbito do processo de elaboração dos tesouros. As autoras mencionam que as maneiras de formação de assuntos, de acordo com Ranganathan (1967), são: *dissecação* (é o corte de um universo de entidades em partes que tenham posição coordenada – resultando em renques), *laminação* (é uma construção por superposição de faceta sobre faceta), *desnudação* (é a diminuição progressiva da extensão e o aumento da intenção de um assunto básico ou de uma ideia isolada – resultando em cadeias), e *superposição* (é a ligação de duas ou mais ideias isoladas que pertencem ao mesmo universo de ideias isoladas).

A avaliação da etapa de formação de assuntos é realizada por meio de exercícios de agrupamentos e classificação. A partir de um conjunto de assuntos entregue aos alunos, lhes é solicitado para que os agrupem por semelhanças. Nesse exercício, compreende-se a lógica de agrupamento aplicada pelos alunos como, por exemplo, agrupar surucucu, jiboia e jararaca como cobras ou répteis. Nessa etapa está o embrião da compreensão dos conceitos de renque e cadeia para os tesouros.

Após essa compreensão e também de um conjunto teórico, os alunos desenvolvem a prática da construção de um microtesauro a partir de domínios de interesse deles próprios [3], suscitando uma participação ativa no processo de construção da linguagem de forma cooperativa. Nesse sentido, estimula o entendimento das relações – lógicas e ontológicas – existentes entre os conceitos do tesouro, bem como a importância dele em bibliotecas e na recuperação da informação, possibilitando a participação do aluno não apenas na construção, mas também da política de indexação.

Em seguida, inicia-se a fase de planejamento de um microtesauro. Por isso, é solicitado aos alunos: a) delimitação da área, b) público-alvo, c) classificação, d) levantamento das fontes; e, e) forma de apresentação.

Nessa etapa o auxílio de monitoria é bem-vinda, pois é necessário fazer um acompanhamento individualizado aos alunos. Na UFPE, o monitor é um aluno que já cursou e foi aprovado nessa disciplina e foi selecionado para receber uma bolsa levando em consideração o seu desempenho acadêmico. Dessa forma, a avaliação da etapa de planejamento é feita por meio de reuniões ou orientações individualizadas. Os alunos explicam quais serão as principais estratégias que escolheram para cons-



truir o microtesouro. Como o tesouro é especializado por sua natureza, é solicitado aos alunos que delimitem a área de interesse de forma que o agrupamento dos assuntos possa ser factível. A delimitação da área reflete, no exercício em sala de aula, muita criatividade como, por exemplo, microtesouro do livro Pequeno Príncipe, microtesouro de armas militares, microtesouro de expressões do mundo da moda.

A delimitação da área segue a necessidade de se definir o público-alvo, pois essa definição determinará a complexidade das relações entre os conceitos. Assim, um microtesouro do livro Pequeno Príncipe se destinaria aos leitores desse livro, bem como o de expressões do mundo da moda para os profissionais envolvidos nesse *métier*.

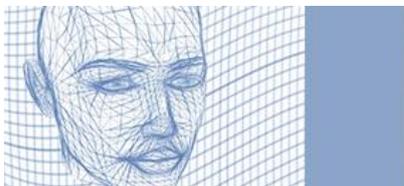
Em seguida, os alunos iniciam a atividade de classificação. Eles estabelecem as classes, categorias e facetas dos assuntos utilizando a dedução. Por isso, a importância da etapa de formação de assuntos e o exercício da dissecação, laminação, desnudação e superposição. À medida que os alunos delimitam a área e o público-alvo, eles começam a explicar como são determinadas as classes gerais de assuntos. É interessante lembrar a importância da disciplina de Lógica Aplicada à Documentação, pois os conceitos de dedução e indução encontram o *locus* de aplicação durante o exercício profissional.

Para o levantamento das fontes, é solicitado aos alunos que reúnam uma bibliografia relevante sobre a área delimitada. Os alunos buscam por diversas publicações tais como revistas, livros e dicionários que sejam voltados para o assunto tratado. Essas publicações auxiliaram na organização dos conceitos da área escolhida para a construção do microtesouro.

Posteriormente, aos alunos que indicam a forma de apresentação do microtesouro que deve ser nas formas alfabética e sistemática, sendo essa última por meio de uma lista estruturada. Essas formas de apresentação são consideradas as mais tradicionais.

Nesse sentido, as reuniões sistemáticas com os alunos são consideradas as estratégias de avaliação mais adequadas, pois conforme as decisões são apresentadas e inconsistências detectadas, torna-se possível realizar adequações.

Após o planejamento, inicia-se a etapa de levantamento do vocabulário. Essa etapa depende das fases do planejamento definidas como delimitação da área e le-



vantamento das fontes. A base léxica é formada a partir de conceitos identificados nas fontes ou também de atividades de indexação. Os assuntos podem ser determinados por meio da análise documental que foi apreendida na disciplina de Indexação e Resumos. O levantamento do vocabulário também depende da formação de assuntos nos documentos. Cada vocabulário coletado é inserido em uma ficha ou planilha de registro. Nessa ficha ou planilha o vocabulário é contextualizado identificando sua categoria, termo, definição e nota de escopo, termos preferidos e não preferidos, termos genéricos, específicos e associativos e a indicação de onde eles foram extraídos (referência).

Nessa etapa, os alunos entregam a ficha de registro do vocabulário e é possível verificar como se deu a organização dos conceitos que irão compor o microtesauro. Cada aluno estrutura sua ficha ou planilha com os dados do vocabulário.

Com a coleta e seleção do vocabulário concluída, inicia-se a etapa de organização dos termos e conceitos. O vocabulário de um microtesauro deve representar os conceitos da área delimitada. Com a ficha ou planilha onde o vocabulário foi registrado, a organização é facilitada. Nesse momento são confirmadas as relações – lógicas e ontológicas – entre os conceitos. As relações lógicas são caracterizadas pela superordenação e subordinação de conceitos e, por isso, reúne características comuns dos conceitos. O termo genérico é designado pelo código TG e o específico pelo TE. Nas relações lógicas formam-se as cadeias (verticalidade dos conceitos) e os renques (horizontalidade dos conceitos) que podem ser confirmados revendo as atividades de desnudação e dissecação de assuntos nos documentos. As relações ontológicas são caracterizadas pela associação de conceitos e elas podem ser representadas pelo código TA (Termo Associado). Veja o exemplo de relação lógica de um microtesauro de armas que um aluno elaborou.

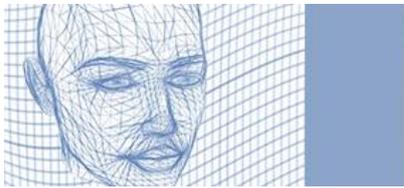
METRALHADORA

TG – Arma de guerra

TE – Metralhadora automática

TE – Metralhadora ligeira

TE – Submetralhadora



Os termos podem ser relacionados por meio da relação de equivalência e no exercício são observadas as sinonímias. Os códigos mais comuns para sinonímia são: USE e USADO PARA. Veja um exemplo:

MINA ANTIPESSOAL

UP – Bouncing Betty

Uma maneira eficiente de avaliar a etapa de organização dos termos e conceitos é por meio da ficha e da planilha que os alunos elaboram. Essa é a etapa mais trabalhosa da elaboração do microtesauro, pois são as relações entre os conceitos que caracterizam e dar razão de ser de um microtesauro. Na ficha é possível corrigir inconsistências nas relações e designações de termos e também nas definições extraídas dos documentos.

Feita a etapa de organização dos conceitos e termos, tem-se então a apresentação do microtesauro conforme descrito e exigido na etapa de planejamento. A seguir estão alguns exemplos dos microtesauros elaborados.

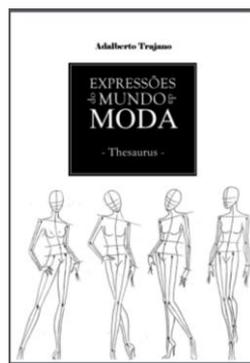


Figura 1. Microtesauro de expressões do mundo da moda.

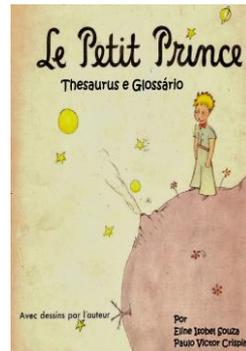
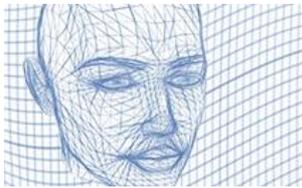


Figura 2. Microtesauro do Pequeno Príncipe.



Figura 3. Microtesauro para um sex shop

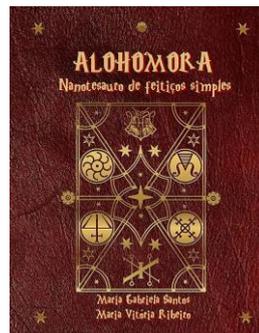


Figura 4. Microtesauro de feitiços simples.

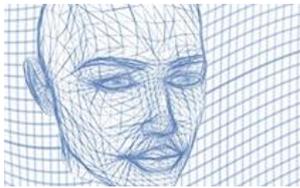


Figura 5. Microtesauro de dermatopatias em cães e gatos.

Esses exemplos refletem o interesse dos alunos pela área delimitada, bem como sua dedicação para com a elaboração do tesauro.

3 Avaliação do Processo

A perspectiva de avaliação prevista no Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia da UFPE é pautada na formação de um sujeito dialógico, reflexivo e crítico. Por isso, a avaliação do processo de construção de tesauros também busca esse sujeito. A partir do momento que o aluno compreende e participa ativamente das etapas de elaboração de um microtesauro, ele reflete sobre sua prática. Por esse motivo, justifica-se a adoção de um processo de avaliação permeado por exercícios e reuniões de trabalho a partir da metodologia de construção de tesauros. Em cada etapa de trabalho, os alunos apresentam e justificam suas escolhas e, por isso, estão mais aptos à formação crítica e apreensão do *savoir-faire*.

No Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) da UFPE (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2007, p. 57) a avaliação formativa do aluno “permite a função reguladora de ajustes à aprendizagem e ao ensino, desenvolvendo o sentido de autonomia”.

Nesse sentido, Hoffmann (2005, p. 129) destaca que o processo avaliativo deve dar oportunidade ao aluno expressar suas ideias, promover trabalhos em grupos, tarefas relativas ao desenvolvimento do conteúdo e tarefas relacionadas às anteriores. Por conta disso que o processo de construção de tesauros realizou-se por etapas e cada etapa foi avaliada. Os exercícios de agrupamentos de assuntos realizados na primeira etapa dirigidos; em seguida, na etapa do planejamento são realizadas reuniões com os alunos onde eles apresentam todas as fases elaboradas.



Depois do planejamento, é realizada a organização dos conceitos e dos termos e a avaliação nessa etapa é feita por meio da elaboração das fichas ou planilha onde é inserido o vocabulário. Então, é feita a apresentação do tesouro na forma alfabética e sistemática. Cada etapa depende uma da outra para o sucesso na construção do tesouro e a avaliação participativa permite que cada aluno compreenda sua complexidade. Dessa forma, vislumbram-se os preceitos de Hoffmann (2005) à medida que os alunos têm uma participação mais efetiva e crítica de cada etapa, constroem o tesouro e executam os exercícios juntos. Além disso, chama-se a atenção para a necessidade de conexão com outras disciplinas como, por exemplo, Indexação e Resumos, Introdução à Organização da Informação e Lógica Aplicada à Documentação.

Por fim, verificou-se com mais precisão a possibilidade de avaliação do aluno em todos os processos de construção dos microtesauros, pois em cada etapa, o aluno participou de forma mais ativa e autônoma.

Notas

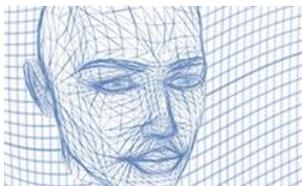
- [1] Teoria da classificação é frequentemente encontrada na literatura como ideias ou princípios de classificação (SMIRAGLIA, 2002, p. 330).
- [2] Compreendemos que o conteúdo de uma disciplina não dissocia teoria e prática. Entretanto, para este capítulo o fizemos como forma de acompanhar a apreensão da construção de um tesouro e perceber pontos fortes e fracos no processo dessa apreensão.
- [3] Utiliza-se como base o tutorial de Campos, Gomes e Motta (2004).

Referências

CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E.; MOTTA, D. F. **Elaboração de tesouro documental: tutorial**. 2004. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/tesouro/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. **Organização de domínios de conhecimento e os princípios rangianathianos**. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 150-163, 2003.

CINTRA, A. M. M.; TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. G. de; KOBASHI, N. Y. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Polis, 2002.



DAHLBERG, I. **Knowledge organization: its scope and possibilities.** Knowledge Organization, Würzburg, v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.

DODEBEI, V. L. D. **Tesouro: linguagem de representação da memória documental.** Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

GOMES, H. E. (Org.). **Manual de elaboração de tesouros monolíngues.** Brasília, DF: PNUB, 1990.

HARMONIZAÇÃO **Curricular em Biblioteconomia no Mercosul: relatório técnico.** Porto Alegre: ABEED, 1997. Digitado.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** 24. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MAI, J.-E. **Classification in context: relativity, reality, and representation.** Knowledge Organization, Würzburg, v. 31, n. 1, p. 39-48, 2004.

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomena to library classification.** New York: Asian Publishing House, 1967.

SMIRAGLIA, R. P. **The progress of theory in knowledge organization.** Library Trends, Champaign, v. 50, n. 3, p. 330-349, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Biblioteconomia.** 2011. Disponível em: <<https://biblioteconomiaufpe.files.wordpress.com/2012/01/projeto-pedagc3b3gico-de-biblioteconomia-0406.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Pró-Reitora para Assuntos Acadêmicos. **Projeto Político Pedagógico Institucional.** Recife, 2007.

VERRI, G. M. W. Biblioteconomia: 50 anos em Pernambuco. **Revista Artecomunicação,** Recife, v. 8, n. 8, p. 225-234, 2002.